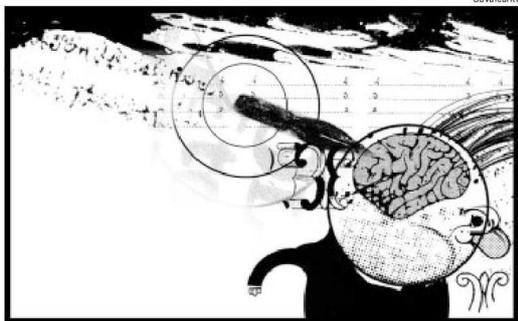




# JOSÉ CASTELLO



Cavalcante



## Literatura e desastre

**A**vance na leitura de "A parede no escuro" (Record), primeiro romance do gaúcho Altair Martins, e uma analogia me persegue. Não, não é uma dessas semelhanças fáceis, metáforas de algebeira, que nos levam a pensar que um garçom é um pingüim, ou um juiz, um corvo. Ao contrário, a imagem me desgosta, reluto em aceitá-la — mas ela insiste.

Tenho um grande amigo, doutor em Letras, que considero um mestre. Outro dia, ele me aconselhou: "Sou um leitor entusiasmado de seus textos. Mas, às vezes, você é pessoal demais, e isso o expõe. Proteja-se". Tentei lhe explicar que não sou eu quem me exponho, são as leituras que me expõem. Não é um ato, é um efeito.

E aqui estou eu, de novo, atropelado por um livro. Um romance engenhoso, que confirma as qualidades apresentadas por Altair Martins em "Como se moesse ferro", seu livro de contos. Volto à analogia. "A parede no escuro" conta a história da morte do padreiro Adorno — e o nome, evocando o pensador de Frankfurt, arrasta novas semelhanças, de que prefiro me desviar. Numa manhã chuvosa, quando desembarca de sua kombi para levar duas cestas de pães para a padaria, Adorno, em meio à paisagem embaçada do alvorecer, é atropelado e morre.

Não há problema em nomear aqui o assassino. Emanuel. Pois é justamente essa revelação imediata do nome, de que os outros personagens, porém, são excluídos, que o livro tira sua força. Desde logo, ficamos sabendo que Emanuel, por descuido, por atordoamento, por acaso, matou Adorno. Sim: nós que estamos de fora, que somos apenas leitores, sabemos disso. Presos nas malhas da trama, os outros personagens ignoram.

A situação de Emanuel — eis a analogia infernal — reproduz o destino do escritor. Encena-o. Basta observar a capa de "A parede do escuro". Lá está a assinatura que a designa: Altair Martins. Não é preciso ler o livro (não é preciso assistir ao atropelamento) para saber que Martins (que Emanuel) é o autor do livro (do crime). A pergunta que resta é simples, mas incômoda. Será que Martins (que Emanuel) sabe realmente disso? Será que os dois sustentam seus atos?

É claro que sim, me dirão os adoradores dos fatos. Não, não preciso evocar Nelson Rodrigues, melhor deixá-lo quieto! Vamos lá: não estará Altair Martins na mesma posição de Emanuel, que sabe que atropelou Adorno, mas não se reconhece em seu ato? Sim, em meio à chuva, à visibilidade precária, à pressa para chegar à casa do pai — Fojo, um doente grave a quem deveria acompanhar ao médico — na correria, talvez ainda cheio de sono depois de uma noite de amor, atordoado, exausto, o professor Emanuel sabe que lançou o carro (um corvo branco, como seu pai conseguiu ver de longe) contra um corpo. Em seguida, ele mesmo desceu do automóvel para verificar o mal que tinha feito. Fojo, o pai, só viu o carro (o veículo, o meio, o transporte) — não viu a Coisa (o acidente). Mas será que Emanuel, só porque examinou o corpo inerte de Adorno, sabe o que fez?

Não posso deixar de pensar que também a literatura é uma espécie de desastre. Algo repentino, radical, que acontece em um momento de descontrole, ou

de susto. Também quando escrevemos um livro, alguma coisa nos atropela — porque, ali onde o Eu deveria estar, dono de si e sua obra, um Outro chega e se impõe. Também o autor é deslocado, empurrado, atropelado. Também ele é destituído de sua autoridade, e esse ato de deposição inclui certa violência. Depois, pronto o livro, o autor percebe que desconhece o que fez. Sabe que o livro não corresponde, exatamente, ao que desejou escrever. Que ele, de certa forma, não lhe pertence. E, nesse caso, em vez de possuí-lo (e isso apesar da ilusão da autoria, que respaldece nas assinaturas), é o livro quem o possui.

Vem-me à mente, aqui, uma história do poeta Manoel de Barros — que só pela ausência de um "e" não se chama Emanuel. Os pais do pequeno Manoel sabiam que tinham um filho "torto". A mãe, Alice, lutava para endireitá-lo. O pai, João, o defendia: "Deixa o Nequinho, Alice, ele tem um negócio importante, que ele não sabe explicar para nós e nem para ele mesmo, mas deve ser um negócio importante". Manoel rememorou a história, ainda nos anos 80, em uma entrevista a Giovanni Ricciardi. Depois de descrever a aflição da mãe, o poeta acrescenta: "Meu pai e minha mãe morreram sem saber que negócio era aquele. Eu também até hoje não sei".

Pronto, aí está: o desastre. A literatura, diz o poeta, não é algo que ele faz, mas algo que o atropela. Se faz, é "por acidente". O que "entortava" o jovem Manoel? Que "negócio importante" é esse que, até hoje, o leva a se trancar, sozinho, em seu escritório? É a literatura, que nenhuma relação guarda com a retórica (a arte de quem sabe o que diz), e menos ainda com a autoria (a arte de quem sabe o que fez). A literatura é um instrumento de conhecimento tão potente quanto a ciência, ou a filosofia. Mas não se parece com nenhum deles. Pois é ainda mais autônomo — chega a ser uma espécie de tormenta. Condenação que o romancista Autran Dourado, certa vez, assim descreveu: "A gente começa a escrever porque tem jeito para escrever e depois continua porque não tem jeito de parar".

Todo o romance de Altair Martins é o relato de como Emanuel sofre as consequências da morte do padreiro Adorno. Na primeira visita à mãe, ele pensa: "Por enquanto me sinto só, apenas". Ato de ruptura, a literatura — como o desastre de Emanuel — separa seu autor do mundo e desloca as coisas de seu lugar. A clareza (a certeza) só engana, pensa Maria do Céu, filha de Adorno. É como um pé de vento. "Tem muita coisa solta nessa vida" pensa Fojo, o pai de Emanuel.

São muitos os que reivindicam a autoria do atropelamento. "Fui eu que matei meu pai", pensa Maria do Céu, a filha rebelde do padreiro. Diante de seu ato, o próprio autor, contudo, se desconhece: "Sou um novo, o mundo começou hoje de manhã". Na literatura, o real se revira e as verdades se desarticulam. Perplexo diante da escrita e com a vergonha de um falsificador, o autor até assina. Mas jamais saberá se aquilo é, de fato, seu.

**A literatura é um instrumento de conhecimento tão potente quanto a ciência**

## LANÇAMENTOS



**O Coração — Uma biografia**, de Bruce Lawrence. Tradução de Maria Luiza X. A. Borges • Jorge Zahar Editor, 256 páginas • R\$ 39,90

• No mais recente lançamento da coleção "Livros que mudaram o mundo", o professor de estudos islâmicos na Duke University conta a história do Corão, seus divulgadores e intérpretes, mostrando os motivos pelos quais o texto sagrado do islamismo ainda fascina e mantém sua grande influência sobre sociedades e governos.

**A escola das facas/Auto do irmão**, de João Cabral de Melo Neto • Editora Alfabeta, 200 páginas • R\$ 34,90

• A edição reúne dois livros do poeta pernambucano. O primeiro, "A escola das facas", foi publicado em 1980, quando Cabral era embaixador do Brasil no Equador. Entre os 44 poemas do livro estão "Autobiografia de um só dia" e "Descoberta da literatura", em que o poeta se coloca como personagem. Já "Auto do irmão", publicado em 1984, narra a história da execução de Frei Caneca.



**Lua nova**, de Stephenie Meyer. Tradução de Rytta Vinagre • Editora Intrínseca, 480 páginas • R\$ 39,90

• Segundo livro da série iniciada com o best-seller "Crepúsculo", "Lua nova" — que já chega às livrarias com tiragem inicial de cem mil exemplares, de oito milhões de fãs adolescentes — retoma a saga de amor (quase) impossível entre Isabella Swan e Edward Cullen. A jovem está disposta a correr qualquer risco para fazer parte da família de vampiros do namorado, mas Edward, por amor, prefere deixá-la.



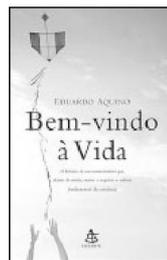
**Homens de valor**, de Rachelle Zweig Dollinger • Editora Imago, 604 páginas • R\$ 39

• A obra de Rachelle Dollinger, autora também de "Mulheres de valor" (Garamond), apresenta perfis de alguns dos principais líderes da comunidade judaica no Rio de Janeiro. Além de relebrar as histórias das famílias, a autora mostra também os esforços destes personagens para a construção de escolas, clubes, sinagogas, teatros e bibliotecas, entre outras contribuições à comunidade.



**Design Ergonomia Emoção**, org. por Claudia Mont'Alvão e Vera Damazio • Mauad Editora, 240 páginas • R\$ 29

• A obra reúne reflexões de diversos pesquisadores da área sobre o encontro do design e da ergonomia com a emoção, que gerou um novo campo batizado de design emocional. Os textos mostram que, muito além da forma física e das funções mecânicas mais utilitárias, os produtos devem contemplar também funções sociais e simbólicas que possam desenvolver uma sensação de bem-estar nos seus usuários.



**Bem-vindo à vida**, de Eduardo Aquino • Editora Sextante, 144 pgs • R\$ 19,90

• O psiquiatra e neurocientista mineiro cria uma história sobre um homem que, diante da morte, ensina a resgatar os valores fundamentais da sua existência. O relacionamento entre pai e filho é desenvolvido de

### [CONTOS DO RIO][CONTOS DO RIO][CONTOS DO RIO]

Rodolfo Orlando Viana

## Saudoso malandro

O malandro morreu e foi aos céus como todos os pierrots, colombinas, arlequins, polichinelos, bambas e congêneres. Descontente estava, porém. Corria-lhe a alma deveras haver morrido sem ter consumado sequer uma noite com certa beata, de olhos verdes como o verde de sua Mangueira. Benê, sambista inquilino do céu, não tinha sossego justamente onde a paz deveria reinar. Pois que o malandro foi ter com o diabo. Fez um escarceu no céu e desceu.

O tինhos apenas plantou um sorriso nos lábios e antecipo um abraço quase fraterno ao ver Benê no inferno. Sabe-se que o diabo é sempre um anfitrião impetuoso que pisam em seu solo soturno. É envolvente qual uma mulher, se, de fato, mulher não for. — Quero voltar à Terra, doutor — disse ao cão o malandro. Explicou que sua escola de samba faria, em breve, o último ensaio geral antes de pisar na Sapucaí. Nada disse sobre a tal moça, real motivo para ascender ao mundo dos vivos.

— Eu tenho muito apreço por ti, nego. Admirava teu modo de vida. Por isso, farei uma proposta simples — expôs o diabo,

— Para sempre, eu te terrei. O malandro aceitou a proposta num ímpeto. Em vida, fora autor de vários sambas e choros. Não lhe seria grande empreitada. Antes de reentrar na terra de cá, ainda ouviu o diabo advertir que, quando achasse conveniente deixar o mundo dos vivos, deveria ter a medalha de Nossa Senhora arrancada do peito.

De volta ao mundo, no barracão entrou. Agora, com um sorriso irônico e certo escárnio pelas preocupações abjetas daquilo que outrora chamara de vida, embriagava-se outra vez. Nada temia, pois morto estava. É o que há a temer um homem que amarrar pacto com o diabo?

Dentre tantas texturas, sons, aromas e sabores do samba, o malandro vislumbrou, do outro lado da quadra, a bela Beatriz. Em vida e carne, Benê desejara aquela morena de olhos verdes como o verde da Mangueira. Aquela que nunca cedera, apesar das investidas do malandro. Ora apatixonado, ora libertino, Benê tentara sem sucesso uma noite, um beijo, um abraço, um olhar. Uma atenção distraída,

vontade de te ver — respondeu Benê, com um certo sorriso e olhos semicerrados. Beatriz achou graça. Ruborizou. Rememou um "não brinca com essas coisas" e forjou displicência. Em verdade, a beata estava satisfeita em rever aquele sujeito, objeto e causa de algumas noites maldormidas.

— Eu tô aqui por você, nega — sussurrou a voz rouca do malandro, tomando-a pelo braço.

Sem que a mulher protestasse, pouco tempo depois estavam numa construção abandonada. Entre gestos instintivos, Beatriz murmurava seus desejos. "Eu sempre soube que te teria, nego", repetia a moça, para espanto de Benê, que lhe interrompia as frases com beijos e mordidas.

Em Extase, a bela morena, emaranhada nos beijos, apelos e pêlos de Benê, arranhava-lhe o peito com devoção. Tamanho era o desejo que, como um surto epiléptico (e o que é a paixão, senão uma epilepsia?), arrancou Nossa Senhora do peito de seu homem.

Antes de se aperceber de vol-

sejos, o coitado sambista quis desfazer o pacto. Alegaria que o diabo não sustentou sua parte no acordo. Ademais, se o diabo fosse esperto, saberia que promessas de malandro não se cumprem. Faria um inferno do inferno, e não aceitaria estar de volta sem ter possuído a tal beata.

Como bom advogado, o diabo indeferiu o protesto do malandro.

— Tuas razões foram explícitas e devidamente atendidas. Querias ver o último ensaio geral e te foi concedido, oras — objetou o diabo, pleno em sua razão legal. — Anda, prepara-te para fazer o meu samba — emendou.

Cabisbaixo, Benê concordou. Eis senão quando o malandro não conseguiu fazer um samba. O cavauzinho não chorava como devia, nem a letra fazia sentido. Não havia poesia ou ritmo. Tentava pensar em algo, mas a saudade da morena Beatriz permeava seu pensamento, anuviando qualquer deixa de samba.

— Mas o que aconteceu? Cadê aquela tua cadência? — zombou o diabo, dono de todo o escárnio.

O malandro apenas pensava em Beatriz. Sentiu o coração, outrora vadio e compassado no ritmo da cuca, pesar-lhe no peito, an-

mão esquerda posta sobre o ombro daquele homem, olhos pregados na medalha de Nossa Senhora que Benê trazia no peito. — Tu deves fazer um samba para mim. Um samba qualquer, porém sem sequer uma ponta de saudade. Se não for possível, porém, nego, tu ficarás aqui — arrematou o diabo pausadamente.

que fosse. Tentara como se aquilo fosse uma religião, e o malandro Benê, vossa santidade bargante.

Quando a morena Beatriz avistou Benê, ele já se aproximava.

— Pensei que tivesse morrido, nego. — disse a bela mulher tomada em espanto.

— Morri e voltei. Estava com

ta ao inferno, Benê teve tempo de ver a corrente na mão da beata. Tempo de ouvir "eu sempre soube que te teria, nego". Estava no inferno, o desgraçado Benê, trazido não por Virgílio. Nesta barca de bamba, Beatriz o conduziu de volta aos confins do nada.

Frustrado e incontinente em de-

figa morada de Nossa Senhora.

— Eu sempre soube que te teria, nego — disse o senhor dos excomungados, olhando com olhos verdes como o verde da Mangueira, antes de trancafiar o malandro nos confins do negro nada para todo o sempre. Desde então, céu e inferno ficaram sem samba.

e nino, a unicuante ue lidar com a perda, o desapego e o medo da morte são alguns dos temas abordados pelo protagonista, que tenta ajudar as pessoas a enxergar o valor da vida e a encarar a morte como algo natural.

